

PARALELOS ENTRE AS ESTRUTURAS NARRATIVAS DO ROMANCE MODERNO E DA PSICOTERAPIA TRADICIONAL

Tereza de Fátima Freitas de Oliveira

Jadson Teixeira Muritiba

Yuri de Nóbrega Sales

FAMETRO – Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza

tereza.oliveira@aluno.fametro.com.br

jadson.muritiba@aluno.fametro.com.br

yuri.sales@professor.fametro.com.br

Título da Sessão Temática: Processos de Cuidar

Evento: VI Encontro de Monitoria e Iniciação Científica

RESUMO

Neste trabalho, propomos analisar as estruturas narrativas que constituem o romance moderno, buscando identificar como tais estruturas estão presentes na narrativa da clínica da psicoterapia tradicional. Através de leitura crítica e embasada de romances modernos considerados clássicos e textos técnicos sobre os temas propostos, reconhecemos a psicoterapia como uma forma narrativa própria, porém plural como o romance e elencamos alguns pontos comuns a ambos.

Palavras-chave: Psicoterapia. Narrativa. Romance.

INTRODUÇÃO

O romance surge como uma desconstrução das epopeias, nas quais os protagonistas passavam por uma sucessão de acontecimentos épicos, grandiosos ou grandes feitos dramáticos. Segundo Moretti, é o gênero literário que nasce do triunfo da “prosa do mundo” e é com frequência a história de um indivíduo que busca um sentido que não há, a “odisseia de uma desilusão” (MAGRIS in MORETTI, 2009, p.1018).

É difícil apresentar uma definição objetiva da estrutura narrativa de um romance, pois é um gênero em constante transformação. Ele não se encaixa em nenhum dos grupos literários apontados por Aristóteles em seu trabalho Poética, sendo esses: lírico, poético e dramático. Na filosofia clássica alemã houveram diversas tentativas de criar uma teoria estética do romance, mas sem sucesso definitivo.

O que se pode afirmar do romance moderno é que apresenta uma narrativa do cotidiano, concreto e prosaico, organizada num fluxo temporal pautado pela historicidade; ou seja, a vida contada pela perspectiva de um tempo que passa, como os ponteiros dos relógios modernos. A prosa presente no romance, segundo Kundera (2006), não significa apenas linguagem não versificada, mas também o “caráter concreto, cotidiano, corporal da vida” (p. 16) e transmite a beleza dos sentimentos modestos. Kundera julga que o cotidiano não é apenas monotonia, repetição e mediocridade, é também beleza.

Antes, portanto, da psicoterapia moderna fazer da palavra o instrumento terapêutico para desvelar e criar sentidos individuais, por meio da narrativa do cotidiano, o romance moderno já havia pavimentado este caminho. Há uma analogia, senão uma identificação, entre a forma de narrativa desenvolvida no romance e aquela empregada na psicoterapia, ambas nascidas da matéria do cotidiano. Não por acaso, o primeiro prêmio que Freud recebeu, ele que foi o fundador desta modalidade clínica de cura pela palavra, foi o prêmio Goethe, destinado a reconhecer os talentos literários de seus agraciados.

Porém, resta saber quais seriam, mais especificamente, os pontos de vinculação entre a narrativa do romance e a psicoterapia moderna. O objetivo desta pesquisa é salientar alguns destes pontos, avançando na correlação entre estes dois campos do saber e da arte: a literatura e a clínica. Para tanto, serão utilizados clássicos da literatura como instrumento para este exercício comparativo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou uma metodologia qualitativa de investigação, pautada pela análise bibliográfica de romances e textos técnicos sobre os temas em questão. A estratégia de coleta de dados escolhida é derivada de uma abordagem interdisciplinar, justificada pelo próprio objeto da pesquisa, localizado entre as disciplinas: a narrativa na prática clínica psicoterápica e no gênero literário denominado romance.

Foram escolhidas obras sobre a narrativa do romance e/ou da psicoterapia legitimadas como referências acadêmicas nas mais diversas áreas do saber. Desta maneira, no campo da literatura foi estudado o livro “A cortina”, de Milan Kundera; na seara da filosofia, o livro “O fio perdido”, de Jacques Rancière; no campo da história, partes do livro “A cultura do romance”, de Franco Moretti; e na psicologia, “Ficções que curam”, de James Hillman.

Esta bibliografia básica permitiu a leitura crítica e embasada de diversos romances considerados como clássicos na história da literatura ocidental, no intuito de compreender a

estrutura narrativa dos romances e suas associações com a psicoterapia. É da composição entre estas diferentes classes de textos que derivam as reflexões aqui apresentadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dom Quixote, de Cervantes, considerado um dos precursores do romance moderno, mostra a fragilidade de seus personagens, principalmente o protagonista homônimo. Não se trata de um protagonista como os das epopeias, que conservam a grandeza até o último minuto. Dom Quixote está mais próximo da humanidade: é vencido e vive a derrota também de forma prosaica.

Essa forma de narração se aproxima da psicoterapia, na qual o que é comumente descrito é o cotidiano, e não o mundo extraordinário dos heróis. É nesta dimensão da vida concreta e temporal, que os romances já haviam ajudado a fundar, que a psicoterapia se localiza, enxergando no indivíduo este sujeito vulnerável ao mundo.

Em Grandes Esperanças, Dickens nos apresenta Pip, um protagonista que enquanto criança, pobre e órfão, é escolhido para ser o divertimento de uma rica senhora e sua protegida, Estella. O contato com Estella, menina mimada que zomba de suas roupas e modos, causa uma ruptura em Pip. Tudo que o rodeia - incluindo as pessoas de seu convívio - passa a parecer vulgar, desprezível, grosseiro, pois ele mesmo passa a se enxergar dessa forma. A partir de então, Pip sempre se sentirá insuficiente e obstinado a impressionar a garota que o desprezou. Pip não participou de batalhas épicas, porém algo aconteceu, na dimensão cotidiana, que o modificou.

A narração do romance de Dickens é estruturada como se Pip estivesse nos contando diretamente suas memórias, ele é como um cliente em sessões de psicoterapia. Não há fluxo de consciência entre os personagens, o que sabemos sobre os outros é apenas o que Pip nos conta, o que foi percebido por ele, ou seja, a verdade dele. A vida dita subjetiva de Pip é, na verdade, um mundo, cuja porta de entrada narrativa é o pronome da primeira pessoa do singular: “eu”. E neste mundo, o que interessa na psicoterapia é a verdade do cliente, o que está em jogo não é o que as pessoas em sua volta pensaram ao tomar certas atitudes e sim como isso foi percebido e como afetou o cliente.

Nisso Dickens também é exemplar. A narração de Pip - assim como a dos personagens literários - pode ou não ser confiável. Dickens nos instiga e torna Pip alguém com o qual podemos nos identificar, tanto nos aspectos positivos quanto negativos. Esse é o triunfo do romance moderno, os personagens não estão ali para serem admirados, mas para se aproximar da realidade.

Analisando a estrutura narrativa de romances, Moretti (2009) apresenta o que ele chama de “enchimento”, que na literatura seriam detalhes aparentemente sem relevância para o avanço da história. Ele dá o exemplo de *Orgulho e Preconceito*, onde Austen descreve passeios, jogos de cartas, diálogos sem muito peso para a história. São detalhes que tornam os romances mais verossímeis. Já Wood (2017) afirma que esses enchimentos têm a função de demarcar a passagem do tempo.

Rancière (2017), ao contrário, interpreta estes “enchimentos” como sinais da estreita relação entre o romance e a democracia. Não que os romances publicados sejam democráticos, no sentido mais usual do termo; ou seja, estejam disponíveis, enquanto produto, para o público de diferentes classes sociais. Não estão. Para Rancière, não é o produto da literatura, o livro de romance, que é democrático, mas a sua narrativa, pois nela todos os personagens são importantes, desde o aristocrata ao trabalhador rural; qualquer um pode sentir qualquer sentimento, emoção ou paixão; todos os detalhes são igualmente importantes ou igualmente insignificantes.

Retornando à *Grandes Esperanças*, pode-se perceber como Dickens nos apresenta um extenso leque de personagens, cada um com características e relevância únicas na história: o aprendiz do alfaiate, o advogado, a noiva do amigo, a governanta da casa do advogado etc. Todos possuem um papel na constituição do romance, o que exemplifica o elemento democrático da narrativa romanesca apontada por Rancière.

Assim, o romance não é uma realidade unitária, na qual a narrativa segue a lógica de causa e consequência que encadeia todos os eventos em um todo. O romance deixa “pontas soltas”, ou seja, permite lacunas para o inesperado se revelar em cada acontecimento ou personagem, independente de sua importância na dramatização narrativa mais explícita. Os personagens parecem possuir certa autonomia, que não está submetida ao enredo estabelecido pelo drama central.

Na psicoterapia, esse “enchimento” seria percebido pelos aparentes “rodeios” que o cliente faz para chegar ao ponto de maior importância da história, à questão que realmente interessa ao processo clínico. Entretanto, seguindo a ideia de Rancière, se trata, pelo contrário, de uma permissão para que qualquer elemento da vida, mesmo o mais insignificante que for, possa adquirir protagonismo na história de si contada pelo indivíduo. Pode-se perceber isso, até certo ponto, nos estudos de caso elaborados por Freud, em que um elemento prosaico, como um objeto ou um animal, ganha preponderância na compreensão de uma experiência subjetiva.

Os pontos elencados acima seguem a afirmação de Hillman (2010), que descreve como Freud modifica o mundo através de sua psicologia se utilizando da narração ficcional

(romance), transformando a história de caso num híbrido de literatura e ciência médica. Freud, de certo modo, seguia os traços do romance moderno em sua escrita clínica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da leitura de romances e textos acadêmicos sobre literatura, podemos constatar que há muitas semelhanças entre as estruturas de narração romanesca e a da clínica da psicoterapia. O mais importante de se ressaltar é que assim como no romance não há uma única forma de narração, é um gênero literário diverso, na psicoterapia a narração também varia de acordo com a individualidade do cliente, ou melhor, do autor de sua própria história. Ainda assim, pode-se entrever nesta diversidade algo de comum que faz com que diferentes livros possam ser considerados “romances”, assim como diferentes sistemas psicológicos e clientes possam ser considerados sob a rubrica generalista de “psicoterapia”.

Ao aprofundar estes paralelos entre as estruturas narrativas do romance e da psicoterapia, avança-se em dois pontos importantes: (1) reconhecer que a psicoterapia é uma modalidade de narração específica, e neste sentido relacionada à função da narrativa moderna presente nos romances; (2) uma vez identificada a forma narrativa própria da psicoterapia, isto permite diferenciá-la de outras modalidades clínicas contemporâneas, como o plantão psicológico. Estes dois pontos abrem novas perspectivas na investigação sobre a clínica psicológica.

REFERÊNCIAS

- DICKENS, Charles. **Great expectations**. 1 ed. New York: Barnes & Noble, 2012. 520 p.
- HILLMAN, James. **Ficções que curam: Psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler**. 1 ed. São Paulo: Verus, 2010. 212 p.
- KUNDERA, Milan. **A cortina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 160 p.
- MORETTI, Franco. **A cultura do romance**. 1 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 1120 p.
- RANCIÈRE, Jacques. **O fio perdido: ensaios sobre a ficção moderna**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017. 152 p.
- WOOD, James. **Como funciona a ficção**. 1 ed. São Paulo: SESI-SP, 2017. 220 p.